

através da sua poesia, em arranjos de puro colorido e de melodia celestial.

Neles nunca encontraremos a profundidade, a labareda galvanizadora de outras sensibilidades, de outras almas; encontraremos apenas — que é muito aliás — a superficialidade traduzida em formas belas, prenes de candura e embevecimento que nos extasiam e fazem esquecer de nós próprios; teem a luminosidade fugaz das noites luarentas e as carícias súbtis de um crepúsculo primaveril; mas só isto, a arte reduzida à delícia e o máximo ao enternecimento breve e pouco profundo, sem nunca conseguir arrebatá-los.

Florbela não. Florbela é a própria vida a erguer-se em constelações infinitas, a cavar-se em abismos de profundezas extravagantes e nunca conhecidas. Florbela devia ter pertencido àquele grupo de indivíduos que teem mais para dar, do que aquilo que o mundo lhe pode aceitar, e ao qual exige mais do que êle é capaz de lhe ceder. Seres de amor perfeitos e para o amor fadados, precisam de se dar inteiramente, de acolher e de se sentir acolhidos com carinho no peito de cada viandante. O coração dêles é um pequeno astro, onde cabe o Universo inteiro e onde se pode abrir sempre um cantinho especial, para cada pessoa que os rodear. Confiantes, percorrem o espaço numa ânsia louca de a todos beijar, de a todos envolver num amplexo indefinido; e, em lugar de se deixar criar pelo mundo,

pretendem eles criar o mundo, ao sabôr da própria imaginação. Os primeiros embates da desilusão não bastam, porque persistem em crêr na plasticidade da massa humana; mas êles sucedem-se continuamente e, ao entardecer da adolescência, extingue-se a cega confiança nos outros e neles próprios. Enclausurados, então, na sua tôrre de marfim, ficam-se a roer saúdaes infindas do que nunca chegaram a possuir, a acalentar ansiedades quiméricas e inúteis. Nos seus olhos lêmos a vida de mundos distantes e a contemplação de sois, iluminando e aquecendo de longe, de muito longe, do remoto; mas a luz e o calor amortecem, e a vista, cansada com a distância, curva-se pesarosa para a terra e, sôfrega, procura o que de antemão sabe não encontrar. A experiência ensinara-lho bem cedo. Contudo, um fio de esperança ainda pode resistir irreverente: a realização, à sua imagem e semelhança, de um mundo mais pequenino, sim, mas nem por isso menos atraente, menos sedutor.

É no amante que se esconde o seu abrigo, o seu pôrto de salvamento. E de novo, como desvairados, vão de cidade em cidade, de rua em rua, de viela em viela em busca de Sebastião. Ora Sebastião nunca aparece e o vácuo, a inutilidade completa-se. E quando se não pode encontrar um novo caminho de dedicação, um sentido para a vida não vedado, capaz de explicar a razão de ser, a existência não tem fundamento.